

“Nós também escrevemos essa história”

Escrevivências e narrativas biográficas de mulheres negras em Pelotas.

EDIANE BARBOSA OLIVEIRA¹; LOUISE PRADO ALFONSO

¹ Universidade Federal de Pelotas – edianecomunica@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas - louiseturismo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A escritora Conceição Evaristo (2005) chama de “escrevivência” o que carrega e expressa, através de palavras, os sentimentos, os sofrimentos, as alegrias, os gritos e os sussurros de uma multidão de pessoas – e, sobretudo, mulheres, cujas vozes são insistentemente caladas. Uma escrita que nasce do cotidiano, das lembranças, da experiência de vida. Pensando na relevância de outras vozes serem destacadas, ouvidas, refletidas, aprendidas e pesquisadas no campo da Antropologia, o tema de narrativas biográficas de vivas senhoras mulheres negras de Pelotas/RS foi escolhido. Compreendendo suas histórias como forte contribuição para a narrativa da cidade de Pelotas, suas escrevivências são histórias vivas em diferentes aspectos: resistência política; fé e religiosidade; cultura e saberes populares.

Quais outras histórias sobre a construção narrativa de Pelotas são vividas e contadas por essas interlocutoras? O presente trabalho propõe uma etnografia biográfica inserida na narrativa de seis mulheres, as quais expressam uma diversidade de fascinantes histórias contadas por elas, através de suas vivências. Histórias diferentes entre si, mas que se aproximam e se encontram num lugar comum de saberes, invisibilidades e relatos.

Foi através dessa busca que estou conhecendo e ouvindo vozes inspiradoras como a de Sirley Amaro, mais conhecida como “Dona Sirley”. Com memórias e sabedorias, carrega consigo as histórias de sua ancestralidade atravessando as Charqueadas de Pelotas. No setor da costura, também fabrica com crianças em vulnerabilidade social instrumentos percussivos. Sua história é de grande importância para a reflexão contemporânea sobre a relevância dos Mestres Griôs nos meios urbanos.

Ao longo desta ainda pequena trajetória de pesquisa também conheci dona Maria Baptista, moradora do bairro Santa Terezinha e que possui uma participação direta no carnaval histórico e popular de Pelotas. Pela escola de samba Imperatriz e em baterias de carnaval, dona Maria foi fundamental na construção do tambor de sopapo, instrumento sagrado e relevante na história cultural e ancestral afro-brasileira de Pelotas. Companheira do Mestre Baptista (*in memoriam*), sempre esteve nos “bastidores” do carnaval, mas poucos sabem que ela teve e segue tendo um papel fundamental e relevante na cultura popular.

Ernestina Pereira, que preside o Sindicato dos Trabalhadores Domésticos de Pelotas é uma representação para a luta das mulheres, especialmente negras, já que são predominantemente fortes as estatísticas de trabalhadoras domésticas negras no país. Liderança que, pela terceira vez, está à frente de entidade sindical, há quinze anos integra a coordenação nacional da Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas (FENATRAD), viaja por todo o país como representante dos direitos das domésticas, participando de debates e ações sobre o tema e é um exemplo nacional de luta e resistência política.

Eloá Rodrigues Brizolara, moradora do Bairro Nossa Senhora de Fátima, possui uma história rica no campo religioso. Faz parte da tradicional igreja Batista, de Pelotas. “Ninguém conhece Deus com fome e com frio” - esta frase é da grande líder comunitária que aos finais dos cultos, distribui em sua própria casa lanches feitos por ela mesma e agasalhos em dias frios, a jovens de rua e famílias em vulnerabilidade social.

“Nós também escrevemos essa história”. A frase que dá título ao presente trabalho vem pela voz da mãe de santo Leda Amaral, a qual possui seu terreiro no Bairro Pestano e carrega consigo a ancestralidade da religião de matriz africana. Com a predominância muito significativa de terreiros na cidade de Pelotas, a voz de mãe Leda também tem uma grande relevância na pesquisa.

“O doce não é português, o doce é negro”. É com essa frase que inicio a apresentar a doceira Ondina Oliveira. Herdeira da sabedoria de confeitar e produzir doces, Ondina representa um outro lado da história oficial doceira de Pelotas. Ela conta que aprendeu a fazer doce com sua avó e que seu saber é passado de geração em geração sem esquecer das reais raízes do doce em sua história de vida.

Para o desenvolvimento teórico desta pesquisa, buscarei também destacar a produção intelectual de escritoras negras que, ao longo de suas trajetórias já versaram sobre suas próprias narrativas trazendo com ênfase o debate de gênero e raça, tais como: Angela Davis (2013), Bell Hooks (1995), Sueli Carneiro (2003) e Lélia Gonzalez (1984).

2. METODOLOGIA

O termo “escrivência”, da autora Conceição Evaristo é trazido como método de investigação e produção de conhecimento nas Ciências Humanas e Sociais e, em particular, no campo da Antropologia, pois vem trazer uma nova perspectiva de narrativa, sem unicamente a produção científica hegemônica, mas como uma nova alternativa da virada epistêmica em que essa produção se insere, trazendo essas histórias vivas contadas por cada interlocutora, a partir do seu lugar de fala.

O método etnográfico, com o qual pretendo trabalhar, precisamente com a etnobiografia expressa-se em experiências individuais e as percepções culturais, propondo repensar a relação entre subjetividade e objetividade, pessoa e cultura. Conceitualizando a etnobiografia na pesquisa, busca-se expressar a potencialidade e os conflitos da reflexão do campo a partir da abordagem biográfica de cada uma delas. A proposta busca, necessariamente, problematizar aquilo que diferencia individual e coletivo. Cada uma delas passa a ser refletida a partir de sua individuação, sem deixar de se compreender que as narrativas possuem pontos em comum (GONÇALVES et al., 2012).

Quando se abre espaço para a individualidade ou a imaginação pessoal criativa, a narrativa passa a ser pensada a partir de sua potência de individuação enquanto manifestação criativa, compreendendo a noção de que cada voz individual não é simplesmente a manifestação da representação coletiva, e que os mundos socioculturais são produção dos indivíduos que deles fazem parte (2012).

O trabalho também se propõe no campo da pesquisa etnográfica, a Observação Participante, onde eu buscarei me inserir no cotidiano destas mulheres e participar mais ativamente dessas narrativas, produzindo cadernos de campo orais e imagéticos, com entrevistas e acompanhamento em suas ações e seus espaços de convivência, seja em suas próprias casas, nos espaços de atuação, tais como: terreiro, igreja, sindicato, espaços familiares e eventos culturais que elas

sejam convidadas a participar.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O resumo apresentado aqui tem sido fruto de uma caminhada que começou em março de 2019 e permanecerá até o ano de 2020, por se tratar do tema da minha dissertação de mestrado, portanto, ainda há um caminho a ser percorrido.

As discussões no âmbito teórico apontam para inicialmente a reflexão de compreender como uma epistemologia feminista negra pode ser muito rica intelectualmente, a partir das teorias e com as diversas vozes aqui apresentadas, com as narrativas das seis interlocutoras.

No início deste trabalho, tive mais contato com experiências em eventos culturais com Dona Sirley. Ela, que foi reconhecida nacionalmente enquanto “Mestra Griô” há aproximadamente dez anos pelo Ministério da Cultura, participou em março deste ano de um festival de música brasileira e africana, intitulado MozBrasil, o qual estive na idealização e produção. O evento, que aconteceu no Largo do Mercado Central, trazia a presença da cantora moçambicana Sizaquel Matombe, forte expoente da cultura folclórica moçambicana. Presenciei Dona Sirley subindo ao palco no momento do show artístico, tendo sido convidada pela cantora Sizaquel, e ambas, através de um ato simbólico ao darem as mãos e dançarem juntas, fizeram o encontro da ancestralidade negra pelotense com a ancestralidade moçambicana. Dançaram e se emocionaram e uma multidão de quase mil pessoas presenciou e aplaudiu de pé. Naquele momento, inevitavelmente emocionada, Dona Sirley disse no microfone: “Essa é Pelotas: uma cidade feminina e afro-brasileira”. Essa fala da Mestra Griô aponta para uma narrativa de uma cidade construída pela história que ela conta e vive, diferente da ótica contada sobre a cidade pelas narrativas oficiais. Essa pequena frase também aponta a riqueza de futuras discussões a serem desenvolvidas ao longo da pesquisa, através das escrituras das interlocutoras.

Quando conheci parte da história de dona Ondina, pude perceber que o campo da etnografia possibilita a força que outras narrativas podem ter sobre o pensamento do que a cidade de Pelotas representa. Para ela, a cidade tradicional do doce tem outro significado. Tem o significado da sua infância, dos aprendizados com suas ancestrais. E para ela, o doce que ela mesma produz, carrega a história dela e de muitas outras mulheres negras:

A história que eu trago não é fácil, minha filha. Com doze anos eu não brincava mais, eu era aprendiz do trabalho da minha vó e da minha mãe. Nossos doces têm histórias não contadas e não conhecidas. Nosso doce não é Fenadoce. Quem conhece de onde vem, sabe que essa história pra boi dormir de que contam sobre o doce é só mais uma forma deles tentarem calar nossas vozes.

Dona Ondina é moradora do bairro Navegantes e faz doces por encomendas. Mas o doce em sua história não é apenas uma forma de sustento, é parte da narrativa da sua vida.

“Até hoje o trabalho doméstico é a sequência da escravidão”. A declaração é de Ernestina Pereira, uma forte liderança sindical na entidade criada especificamente para amparar e garantir os direitos dos trabalhadores domésticos. Ela identifica-se como “quilombola”, oriunda da comunidade do Quilombo do Algodão. Residindo no bairro Fragata em Pelotas atualmente, ela conta que aos treze anos começou o trabalho doméstico. No final da década de 80, vinculou-se a então Associação Pelotense das Empregadas Domésticas. Ao longo da sua

trajetória de resistência política, já foi candidata à deputada federal e vereadora e possui uma filha com o nome “Wine” em homenagem à ativista política sul-africana Winnie Mandela. Foram quase sete décadas dedicada ao trabalho doméstico e hoje segue à frente do Sindicato dos Trabalhadores Domésticos de Pelotas.

O trabalho pretende trazer com muito mais aprofundamento as narrativas de cada uma das interlocutoras na pesquisa. Há também o objetivo de, no decorrer do trabalho, levar essas diferentes vozes para dentro da universidade, sendo realizadas rodas de conversas com alunos do curso de Antropologia e demais cursos das ciências humanas e sociais, trocando saberes e vivências.

4. CONCLUSÕES

A produção de conhecimento com as etnografias biográficas tem se mostrado muito enriquecedora dentro deste trabalho. As narrativas atentam para uma intelectualidade a partir do saber e da vivência, compreendendo o/a Intelectual como alguém que lida com ideias que transcendam muros acadêmicos e narrativas oficiais. Nesse sentido, o trabalho tem inovado profundamente ao destacar essas vozes, histórias e narrativas na construção de uma escrevivência de mulheres negras pelotenses.

A etnobiografia tem possibilitado no presente trabalho, a compreensão de que o próprio ato de narrar consiste em produzir saberes acerca das experiências vividas, valorizando os conhecimentos de quem está narrando. Portanto, a compreensão de que cada uma delas não é separada da sociedade, e, de certo modo, falam por determinado grupo representativo. Com isso, cada experiência pessoal também expressa informações sobre a vida social de uma comunidade, ainda que possuam suas especificidades.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em movimento**. Estudos avançados, 2003.

DAVIS, Angela. **Mulher, raça, classe**. Tradução livre: Plataforma Gueto, 2013.

EVARISTO, Conceição. **Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face**. João Pessoa: Ideia/Editora universitária, 2005.

GONÇALVES, Marco Antonio; MARQUES, Roberto; CARDOSO, Vânia Z. (Orgs.). **Etnobiografia: subjetivação e etnografia**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Anpocs: Revista Ciências Sociais hoje, 1984.

HOOKS, BELL. **Intelectuais negras**. Tradução de Marcos Santarrita. Florianópolis: Revista Estudos Feministas, 1995.